

ENTRE LÉVY E RANCIÈRE: A VIRTUALIZAÇÃO DO SABER E A EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS

BETWEEN LÉVY AND RANCIÈRE: THE VIRTUALIZATION OF KNOWLEDGE AND THE EMANCIPATION OF SUBJECTS

Edilza de França¹
Valmir Pereira²

Resumo:

Este estudo propõe refletir sobre a articulação entre os conceitos de Virtualização e Emancipação, no contexto do Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Parte-se da constatação de que as tecnologias digitais, mais do que instrumentos de mediação, têm transformado profundamente as formas de acesso, produção e circulação do saber, modificando, conseqüentemente, os modos de aprender e ensinar. Nesse cenário, a Virtualização, compreendida como um processo contínuo de atualização das potencialidades do conhecimento em ambientes digitais, revela-se como uma possibilidade de ampliação dos espaços de aprendizagem e de reconfiguração da experiência educativa. Este estudo, de natureza qualitativa e teórico- metodológica, dialoga com autores como, Pierre Lévy, Jacques Rancière e Paulo Freire. Para Lévy, a educação filosófica é mediada pelas tecnologias digitais superando a lógica transmissiva do ensino, abrindo espaço para experiências formativas mais interativas e emancipatórias. Já Rancière, enfatiza a igualdade das inteligências como princípio fundamental de qualquer prática educativa visando à Emancipação. Por fim, Paulo Freire compreende a educação como prática para a liberdade, orientada pela conscientização e pelo diálogo transformador. Diante disso, a questão que orienta essa investigação é: de que modo a virtualização do conhecimento, promovida pelas tecnologias digitais, pode propiciar, ou dificultar, os processos de emancipação no ensino de filosofia? Nossa hipótese é de que, a virtualização, ao potencializar novas formas de acesso, produção e compartilhamento do saber, pode constituir-se em um meio para a Emancipação intelectual dos estudantes, desde que integrada a uma prática pedagógica crítica, evitando a mera reprodução de conteúdos, e estimule o pensamento autônomo e criativo.

Palavras-chave: Virtualização, Emancipação, Ensino, Ensino Médio

Abstract:

This study aims to reflect on the articulation between the concepts of Virtualization and Emancipation in the context of Philosophy teaching in secondary education. It begins with the observation that digital technologies, more than mere mediating tools, have profoundly transformed the ways in which knowledge is accessed, produced, and circulated, consequently altering the modes of learning and teaching. In this scenario, Virtualization—understood as a continuous process of updating the potentialities of knowledge in digital environments—emerges as a possibility for expanding learning spaces and reconfiguring the educational experience. This qualitative, theoretical-methodological study engages in dialogue with authors such as Pierre Lévy, Jacques Rancière, and Paulo Freire. For Lévy, philosophical education mediated by digital technologies overcomes the transmissive logic of teaching, opening space for more interactive and emancipatory formative experiences. Rancière, in turn, emphasizes the equality of intelligences as a fundamental principle of any educational practice aimed at Emancipation. Finally, Paulo Freire understands education as a practice of freedom, guided by conscientization and transformative dialogue. In light of this, the guiding question of this investigation is: in what ways can the virtualization of knowledge, promoted by digital technologies, foster or hinder processes of emancipation in the teaching of philosophy? Our hypothesis is that virtualization, by enhancing new forms of access, production, and sharing of knowledge, can constitute a means of students' intellectual Emancipation, provided that it is integrated into a critical pedagogical practice that avoids the mere reproduction of content and encourages autonomous and creative thinking.

Keywords: Virtualization, Emancipation, Education, Secondary Education

¹ Mestranda em Filosofia (PROF-FILO/UFCG). Atualmente é professora efetiva na ECIT Daura Santiago Rangel. E-mail: edilzaafilosofia@hotmail.com, Lattes: lattes.cnpq.br/0728499013836604

² Doutorado (2011) em Educação Escolar (UNESP/Araraquara-SP). Atualmente é Prof. Associado C, T- 40 DE da Universidade Estadual da Paraíba, no Departamento de Filosofia, dos Mestrados Profissionais em Filosofia (PROF-FILO/UFCG) e Formação de Professores (PPGFP/UEPB). Email: valmir@servidor.uepb.edu.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0112962944181662>

Introdução

O Ensino de Filosofia na contemporaneidade, encontra-se diante de um desafio: por um lado responder às demandas do mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais, e por outro, preservar sua vocação emancipadora, de estimular nos estudantes a capacidade crítica, reflexiva e autônoma. Diante disso, os professores têm o desafio de conceber o ensino de Filosofia, não apenas como transmissão de conteúdos prontos, mas como uma experiência da própria atividade filosófica. Esse componente, assim como os demais da área de humanas, enfrenta dificuldades de alinhar sua prática pedagógica aos objetivos estabelecidos pela BNCC (Brasil, 2018), que visam promover uma formação crítica emancipatória.

Essa perspectiva desloca o foco do ensino de Filosofia para a experimentação conceitual, e nesse sentido, abre espaço para práticas pedagógicas mais criativas e menos dogmáticas. Assim, o Ensino de Filosofia ao ser orientado pelos princípios da criação e pela crítica do saber, pode favorecer a formação de estudantes mais autônomos e engajados no exercício efetivo do filosofar, ao invés de meros reprodutores de discursos filosóficos consolidados.

É nessa perspectiva que essa pesquisa propõe possibilidades metodológicas para um Ensino de Filosofia que estimule a invenção, a criação, a problematização e o envolvimento subjetivo dos estudantes nas temáticas filosóficas.

Nesse contexto, torna-se pertinente, pensar a articulação entre dois conceitos centrais para a compreensão desse cenário: A Virtualização, tal como formulada por Pierre Lévy, e a Emancipação, discutida por diferentes tradições, aqui seguiremos Jacques Rancière e Paulo Freire.

A questão que orienta esse estudo é entender de que modo ou de que maneira a Virtualização do conhecimento promovida pelas tecnologias digitais podem favorecer (ou dificultar) processos de Emancipação do Ensino de Filosofia.

Nossa hipótese é que a Virtualização ao potencializar novas formas de acesso, produção e compartilhamento do saber pode se constituir em um meio para Emancipação intelectual dos estudantes, desde que acompanhada por uma prática pedagógica crítica que evite a mera reprodução dos conteúdos e incentive a criação conceitual e a autonomia.

Ao desenvolver esse o estudo, o objetivo é investigar as possibilidades de articulação entre Virtualização e Emancipação no Ensino de Filosofia, considerando o papel das tecnologias na formação crítica dos estudantes. Esse estudo também fez uma análise do conceito de Virtualização em Pierre Lévy e suas implicações no campo educacional.

Para tanto, discutimos o conceito de Emancipação em Rancière e Paulo Freire, propondo experiências digitais que aproximam o Ensino de Filosofia, da Emancipação intelectual. Esses caminhos integram a Virtualização do saber e a Emancipação, na prática docente de Filosofia.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2018), sugerem que uma metodologia para o ensino de Filosofia deve considerar igualmente aquilo que lhe é peculiar, e o conteúdo específico que está sendo trabalhado. Em função de alguns elementos preponderantes, como uso de manual e aula expositiva, é possível dizer que a metodologia mais empregada no Ensino de Filosofia, não está de acordo com a concepção de Ensino que se pretende.

Assim, esse estudo foi conduzido por meio de uma abordagem qualitativa e de natureza teórica e bibliográfica, com foco na análise crítica de obras filosóficas.

Após a pesquisa bibliográfica, foi feita uma análise conceitual a partir das categorias desenvolvidas pelos autores estudados, elaborando interpretações sobre como essas ideias podem ser mobilizadas para transformar a prática pedagógica em filosofia. O estudo comparativo pôde confrontar o ensino tradicional (baseado na exposição e sistematização dos conteúdos) e as propostas alternativas dos autores estudados, buscando extrair diretrizes para uma prática docente mais criativa, crítica e filosoficamente ativa.

Com base nos referenciais teóricos, foi esboçado um conjunto de princípios e estratégias pedagógicas que orientam o ensino de filosofia, como exercício efetivo do pensamento. É nesse sentido que a Base Nacional Curricular (BNCC), estabelece que o Ensino de Filosofia tenha habilidades de investigação, argumentação e problematização, incentivando o filosofar dos estudantes (Brasil, 2018).

A virtualização do saber e emancipação dos sujeitos

Pierre Lévy (1999) chama de dilúvio informacional, tudo que vivemos e produzimos, em espaços de múltiplo bombardeio de informações. São informações que surgem de todos os lados, ao mesmo tempo e o tempo inteiro. Na concepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização.

A Virtualização não pode ser entendida como oposição ao real, mas como um processo de transformação que desloca a realidade para novas formas de atualização. No campo do conhecimento, isso significa que o saber deixa de ficar fixado em suportes estáticos, e passa a circular em redes digitais abertas, múltiplas e coletivas, onde a inteligência é potencialmente distribuída entre todos.

Essa perspectiva abre espaço para novas práticas educativas, onde os sujeitos, não apenas consomem informações, mas participam ativamente da produção e da reinvenção do conhecimento.

Dessa forma, esse movimento pode conduzir a Emancipação dos sujeitos, que de acordo com Rancière (2015), emancipar-se é romper com a lógica da desigualdade das inteligências, reconhecendo que todos os sujeitos são capazes de pensar e aprender. Para ele, o segredo do mestre, é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, e a distância entre aprender e compreender.

Há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência. O homem e a criança, em particular, podem ter necessidade do mestre, quando sua vontade não é suficiente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho [...] ela se torna embrutecedora quando liga uma inteligência a outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências (Rancière, 2015, p.25).

Dialogando com Rancière, Paulo Freire (1996) entende a Emancipação numa perspectiva de uma educação como prática da liberdade onde os indivíduos serão formados críticos, não apenas reprodutores do conhecimento. Para ele, ensinar não é apenas transferir conhecimento, e sim criar possibilidades para a própria produção ou construção. Ensinar exige consciência do inacabamento, também exige respeito a autonomia do ser do educando.

O desafio proposto por Rancière, é tornar homens emancipados e emancipadores, ao passo que em Freire, a emancipação se dá por meio da conscientização, e acontece através do desenvolvimento da consciência crítica

sobre a própria realidade. Para ele, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediados pelo mundo” (Freire, 1987, p.34). Desse modo, entendemos que a escola se constitui em um espaço de reflexão, e não apenas de transmissão de conteúdos. Por isso, deve-se desenvolver uma abordagem que respeite o educando como sujeito, atuante e transformador.

Nesse sentido, o virtual deve ser pensado em um ambiente dialógico de co-construção, ao invés da entrega unilateral dos conceitos.

A esse respeito, Paulo Freire defende a prática educativa como um ato político e libertador, em que o estudante se torna sujeito do próprio aprendizado. Nesse caso, o ato educativo é um ato de libertação, não de adaptação. Assim, o conhecimento deve ser construído com o outro, não para o outro, rompendo com a educação tradicional, e propondo o diálogo como prática libertadora.

Para Rancière (2015) a instituição pedagógica aparece como um lugar material e simbólico, onde o exercício da autoridade e da submissão dos sujeitos, não tem outro objetivo a não ser a progressão desses sujeitos, até o limite de suas capacidades, tornando-se mestres.

Somente um homem pode emancipar outro homem. Um professor, não é mais, nem menos inteligente que qualquer outro ser humano. Ele geralmente oferece uma grande quantidade de fatos à observação daqueles que procuram. Há, porém, uma única maneira de emancipar, que é a capacitação ativa do estudante, para usar por si mesmo sua própria inteligência e jamais um partido ou um governo, um exército, uma escola ou uma instituição emancipará uma única pessoa.

Na obra *Cibercultura* (1999), a preocupação de Lévy, é compreender como esse dilúvio que tem tomado conta de nosso tempo, com a inserção das tecnologias digitais, está alterando o modo de viver, resultante da primeira revolução industrial. Para o autor, a separação entre tecnologia ou técnica, cultura e sociedade, é algo puramente conceitual.

No sentido filosófico, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, pois é “o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se na atualização” (Lévy, 1999, p.47). Assim, a virtualidade e a atualidade são dois pontos diferentes, e nenhum deles se opõe a ela. Segue o autor, afirmando que “é virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar várias manifestações, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo particular” (Lévy, 1999, p. 47).

Considerações finais

Repensar o Ensino de Filosofia tomando como base as concepções de Virtualização e Emancipação, exige abandonar o modelo transmissivo e abraçar uma pedagogia da criação, da problematização e da experiência filosófica. Isso implica deslocar o foco da mera transmissão de conteúdos, para a ativação do pensamento, como criação e problematização.

O que orientou essa investigação foi a questão, de que modo a virtualização do conhecimento, promovida pelas tecnologias digitais, pode favorecer (ou dificultar) processos de emancipação no ensino de Filosofia, que conduziu a hipótese de que é a virtualização, ao potencializar novas formas de acesso, produção e compartilhamento do saber, pode se constituir em um meio para a emancipação intelectual dos estudantes, desde que acompanhada por uma prática pedagógica crítica, evitando a mera reprodução de conteúdos, incentivando a criação conceitual e a autonomia.

Ao invés de apresentar a Filosofia como um acervo de doutrinas filosóficas a ser memorizado, podemos promover com os estudantes uma experiência de filosofar. Isso implica práticas que favoreçam a solução de problemas e conceitos próprios. E nesse cenário, o papel do professor deixa de ser o de transmissor de um saber acabado, tornando-se um provocador do pensamento.

A partir das contribuições dos autores estudados, pode ser possível imaginar práticas pedagógicas que não apenas ensinem Filosofia, mas façam filosofia, em parceria com os estudantes, práticas que transformem as salas de aula em espaços de experimentação e de formação de pensamento autônomo e emancipado. Assim, mais do que conteúdos para memorizar, a filosofia se torna um modo de estar no mundo, aberto, crítico e criador.

Essa concepção de Ensino de Filosofia, é centrada na produção de pensamento e na invenção de formas de vida. E esse Ensino não se define pela transmissão de conteúdo fechado, mas pela abertura de espaços de problematização, onde os estudantes são convidados a pensar por si mesmos, a formular conceitos e experimentar o pensamento como atividade viva.

Isso vai exigir do professor, não só o conhecimento teórico, mas também a sensibilidade e disposição para construir com os estudantes percursos abertos, singularmente filosóficos.

O processo de emancipação não é um conhecimento construído sobre interesses impostos de dominação, mas de uma participação dos sujeitos no processo do conhecimento. A interação sobre as subjetividades vai se entrelaçando na resolução dos problemas conflituosos no cotidiano dos sujeitos.

Assim, a Virtualização do conhecimento pode ser vista como uma oportunidade para a Emancipação, na medida que amplia, os meios de acesso, circulação e colaboração intelectual.

Entretanto, sem uma mediação pedagógica crítica, há o risco de que a virtualização se reduza a mera reprodução de conteúdos fragmentados, subordinando o estudante a uma lógica de digital. Dessa forma, o Ensino de filosofia, ao articular a potência da Virtualização com a exigência da Emancipação, pode desempenhar um papel fundamental na formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de participar ativamente da vida social e política.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3)

BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Líllian do Valle. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Recebido em: 02/2026

Aprovado em: 05/2026